

## UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DE “O LIVRO DE ELI”?

Cíntia Mara da Silva<sup>1</sup>  
Antônio Augusto Braighi<sup>2</sup>

### Resumo:

O presente artigo apresenta uma reflexão sobre o filme “O livro de Eli” à luz de teorias vinculadas à Semiótica. O trabalho levanta as seguintes questões: de acordo com a mensagem do longa-metragem analisado, a leitura (de livros), mais especificamente uma leitura ponderada da Bíblia, sem fanatismos, seria capaz de gerar uma sociedade de paz? Além disso, o que é possível inferir com o significado dos signos apresentados no filme? Para tanto, este estudo problematiza acerca da importância dos livros e da leitura na sociedade contemporânea para, em seguida, desaguar em uma apreciação crítica da mencionada obra a partir de instrumentos obtidos na produção de Charles Peirce e Algirdas Greimas. Como resultado, o presente estudo demonstra algumas estratégias dos produtores da mencionada obra cinematográfica no sentido de enfatizar aspectos inter-relacionados ao poder, à leitura e à fé.

**Palavras-chave:** Semiótica. Cinema. O livro de Eli.

### Abstract:

This paper presents a reflection on the film “The book of Eli” using theories related to Semiotics. The work raises the following questions: according to the message of the analyzed movies, reading books, more specifically a thoughtful reading of the Bible, without fanaticism, would it be able to generate a society of peace? Furthermore, what is it possible to infer from the meaning of the signs presented in the film? Therefore, this study discusses the importance of books and reading in contemporary society. Then, it proceeds to a critical examination of the aforementioned work using instruments obtained from the theories of Charles Peirce and Algirdas Greimas. As a result, this study demonstrates some strategies of the film's producers in order to emphasize interrelated aspects of power, reading and faith.

**Keywords:** Semiotics. Movies. The book of Eli.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras. E-mail: [cintiamara.lettras@gmail.com](mailto:cintiamara.lettras@gmail.com).

<sup>2</sup> Orientador do trabalho. Doutor em Estudos Linguísticos. Professor do Cefet-MG. E-mail: [antonioaugustobraighi@gmail.com](mailto:antonioaugustobraighi@gmail.com).

## Introdução

Este artigo apresenta uma análise do filme *O livro de Eli* (2010). A construção da narrativa de tal obra é baseada em uma visão apocalíptica do futuro, em que um homem anda pelo deserto, guiado por uma voz, com a promessa de encontrar um lugar no qual poderá deixar a salvo o livro que carrega consigo. A publicação, por se tratar da Bíblia, leva o espectador a reviver textos/ideias com os quais, algum dia, provavelmente teve contato. Mas qual é, de fato, a mensagem da película? A fim de entendermos os significados de várias passagens do filme, faremos uso da Semiótica.

Santaella (1983, p.2), em seus estudos, observa que essa “é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objeto o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e sentido”. Nesse contexto, o uso de efeitos visuais, representações por meio de ícones, índices e símbolos, a significação e o sentido, fornecem elementos que podem ser estudados com base nos conceitos apresentados por estudiosos como Greimas e Peirce.

As discussões acerca do filme *O livro de Eli*, são, em maioria, voltadas para o conteúdo do livro sagrado e o poder de suas palavras. Cristãos de diversas religiões, cinéfilos e o público em geral analisam o filme no intuito de encontrar indícios religiosos para explicar o conteúdo do texto. Mas não parece ser só essa a abordagem do filme. O contexto do longa-metragem nos mostra que, em um futuro fictício, no qual todo o conhecimento foi destruído, os livros movem o mundo e são sinônimo de poder.

Optamos por problematizar a ideia de que um livro tradicional, como a Bíblia, pode ser utilizado como forma de dominação; mesmo com um texto tão antigo, gerando impacto

num contexto futuro – o que parece ser apresentado, alegoricamente, em *O livro de Eli*. Todavia, este trabalho não objetiva explicar a obra em sua totalidade, tampouco voltar demasiadamente o olhar para o caráter cristão, mas dar ao leitor a oportunidade de ver a narrativa do filme sob o ponto de vista semiótico. Nesse sentido, para direcionarmos nossos estudos, faz-se necessário levantar as seguintes questões que serão tratadas aqui: i. De acordo com a mensagem do filme, a leitura (de livros), mais especificamente uma leitura ponderada da Bíblia, sem fanatismos, seria capaz de gerar uma sociedade de paz? E, para tanto: ii. O que é possível inferir com o significado dos signos apresentados no filme?

## **1. A Importância dos livros e da leitura**

O hábito da leitura é uma ferramenta que traz ao indivíduo a possibilidade de aquisição do conhecimento, desenvolvimento do pensamento crítico e pessoal, formação cultural, aprimoramento da língua materna, entre outras vantagens. Essa carga de formação pode influenciar não só a cada pessoa, mas a toda uma sociedade. Nesse contexto, a intimidade com a leitura é benéfica quando modifica positivamente a cultura de uma nação, contribuindo para o aprendizado e aumento de escolaridade da sociedade (KRUG, 2015). Em contrapartida, pode também ser utilizada como ferramenta para manipulação de massas, principalmente quando ligada a fatores religiosos ou políticos.

O fanatismo por determinada ideologia, por exemplo, pode distorcer fatos encontrados em obras literárias, usando tais ideias para manipulação de grupos, dominação, ou ainda para defender interesses de um determinado indivíduo ou grupo social. Na história da humanidade, podemos citar o exemplo da dominação da Igreja Católica sobre a população na Europa medieval. O poder extremo da Igreja na época ocorreu, sobretudo, devido ao fato de que apenas os membros do Clero tinham acesso aos textos religiosos, dominando a informação e usando desse poder para impor medo à população (OLIVEIRA, 2014).

A Bíblia, nesse contexto, é uma das obras mais importantes da história da humanidade e não é só no contexto do filme em que ela é vista como algo poderoso. Ao longo da história, encontramos uma série de guerras motivadas por razões religiosas e que ocorreram (ainda ocorrem) em todo o mundo. Da mesma forma, não é surpresa alguma dizer que milhões de pessoas baseiam seus valores morais, crenças espirituais e comportamentos sociais nos ensinamentos bíblicos. Muitas vezes, mesmo pessoas que nunca leram o Livro Sagrado ainda têm seus comportamentos fortemente influenciados pelos textos religiosos. Alguns autores acreditam que a importância que a Bíblia tem, mesmo nos dias atuais, se deve não apenas à beleza de suas mensagens, mas, sobretudo, ao caráter sempre contemporâneo de seus textos (BENATTE, 2007). Essa contemporaneidade, sem dúvida foi, e ainda é, fundamental para que a Bíblia seja tão relevante e respeitada ao longo de séculos.

Segundo Lima (2015), muitos autores atualmente propõem a leitura da Bíblia como literatura não religiosa, uma vez que seus textos são ricos em sentidos e interpretações, além de conterem grande valor histórico e cultural. No entanto, a leitura fundamentalista ainda existe. A esse respeito, verifica-se ainda uma grande polêmica em torno da interpretação bíblica; enquanto alguns acreditam que os textos sagrados não devam ser interpretados de modo literal, outros creem que uma interpretação mais subjetiva poderia dar margem a enganos e romperia com a ideia de uma interpretação universal. Sobre a interpretação literalista, alguns autores argumentam que existem alguns pontos que precisam ser levados em consideração, tais como: a tradução, os aspectos regionais e culturais e o contexto da época em que os textos foram escritos (LIMA, 2015). Todos esses elementos podem desaguar numa visão equivocada das mensagens se não forem levados em consideração na leitura. O filme escolhido para ser aqui analisado, *O livro de Eli*, parece defender a ideia de que a leitura ponderada da Bíblia, sem fanatismos, é capaz de gerar uma sociedade de paz.

## 2. Fundamentação teórico-metodológica

Para entender como tais mensagens estão engendradas na obra, fazemos uso da Semiótica como ferramental de análise. Ao buscarmos uma descrição simplificada e objetiva, podemos dizer que essa é a Ciência que trata de todas as linguagens em suas diferentes formas. Entre as três origens da Semiótica, destacamos inicialmente a que teve início com os trabalhos de Charles Sanders Peirce, grande estudioso, conhecedor de diversas áreas das Ciências. Ele era fascinado, sobretudo, pela Lógica, sendo através deste fascínio que surgiram as primeiras associações teóricas (SANTAELLA, 1983).

Santaella (1983, p.15) afirma que: “a Semiótica peirceana, longe de ser uma ciência a mais, é, na realidade, uma Filosofia científica da linguagem, sustentada em bases inovadoras que revolucionam, nos alicerces, 25 séculos de Filosofia ocidental”. Todavia, no presente estudo, mais especificamente, também trabalharemos com a Semiótica Narrativa de Greimas. De acordo com Mendes (2013), no contexto da Semiótica, a palavra narrativa indica um discurso figurativo em que personagens praticam ações. O linguista lituano Algirdas Julien Greimas dedicou-se fortemente ao estudo das narrativas. Ele foi um semioticista que deu origem a um dos braços mais formalizados do Estruturalismo.

É importante esclarecer que, embora Greimas e Peirce sejam de escolas distintas, acreditamos ser válido abordar os dois pontos de vista neste estudo. Para isso, serão separados em momentos analíticos específicos para a abordagem de cada um deles. Em trabalho anterior por nós desenvolvido (SILVA; SILVA; BRAIGHI, 2018), utilizamos as abordagens de Peirce e Greimas para analisar outra obra cinematográfica. Assim, pudemos observar que, de fato, os métodos empregados possibilitaram a interpretação e percepção das mensagens encontradas no filme então analisado – bem como era possível

unir as investidas de Peirce e Greimas. Nesse sentido, cremos que aqui também será possível tal investida.

Para tanto, seria interessante começar explicando o que é a fenomenologia para Peirce. Tal ideia, primeiro ramo da Filosofia, é a área do conhecimento que envolve a vivência ou experimentação dos aspectos expressos nos fenômenos. Fenômeno, assim, é “o total coletivo de tudo aquilo que está de qualquer modo presente na mente, sem qualquer consideração se isto corresponde a qualquer coisa real ou não” (PEIRCE *apud* SANTOS, 2008, p. 2). A partir da Fenomenologia, Peirce chega a três categorias universais (Primeiridade, Secundidade e Terceiridade) e constata que os fenômenos surgem à mente a partir delas (SANTAELLA, 1983). A Primeiridade é o primeiro modo de consciência do fenômeno, o qual, neste estágio, se mostra simplesmente como é no momento em que acontece, sem interpretações/referências, surgindo apenas como *qualidade*. Santaella (1983) também enfatiza a dificuldade em se “capturar” essa consciência do momento presente, pois, quando se pensa sobre ele, o momento já passou.

Já a Secundidade aborda assuntos relativos à alteridade, singularidade e relação. No cotidiano, estamos frequentemente nos deparando com situações e fatos externos que escapam daquilo que por nós foi esperado. Assim, a Secundidade atua no campo da própria existência cotidiana. A nossa existência, por si só, traz a consciência que reage a todo instante aos fatos e ao mundo que nos cerca. Assim, para Peirce, a Secundidade trata da relação do ser material com os eventos externos (SANTAELLA, 1983).

O terceiro e último elemento trata da *representatividade*. A Terceiridade traz a união e a mediação do primeiro e do segundo de modo interpretativo, intelectual. A Terceiridade refere-se ao pensamento em signos, refere-se à forma como representamos e interpretamos o mundo a nossa volta (SANTAELLA, 1983). Para explicar essa relação

entre as três categorias, Santaella (1983) traz a analogia do céu azul. Segundo a autora, a Primeiridade é o azul como qualidade; qualidade esta que é pura e livre de quaisquer interpretações ou associações. A Secundidade traz a ideia de confronto, luta e ação e reação, assim, nesse segundo nível, teríamos o céu no qual encarna esse azul. Na Terceiridade, por fim, temos a interpretação, a junção intelectual dos outros dois; assim temos “o azul do céu/o céu é azul”.

Dessa forma, interpretamos e conhecemos o mundo a nossa volta e os fenômenos por meio de signos. Uma definição tradicional de signo é aquela que o revela como ‘uma coisa que está por outra coisa’. Nesse contexto, da mesma forma que o mundo se apresenta a nós por meio de signos, nós só conseguimos interpretar estes signos através de outros signos, entrando, assim, em um ciclo infinito: uma cadeia interpretativa.

Um signo intenta representar, em parte pelo menos, um objeto que é, portanto, num certo sentido, a causa ou determinante do signo, mesmo se o signo representar seu objeto falsamente. Mas dizer que ele representa seu objeto implica que ele afete uma mente, de tal modo que, de certa maneira, determine naquela mente algo que é imediatamente devido ao objeto (PEIRCE *apud* SANTAELLA, 1983, p.35).

A partir dessa afirmação de Peirce, chegamos aos elementos que compõem a tríplice relação do signo: 1) *representamen* – o signo propriamente dito, sendo o elemento que representa algo enquanto *produto* da tríade; 2) o interpretante – o signo aparece da forma como é percebido pela mente de alguém (o intérprete); 3) o objeto – aquele que é representado pelo signo. Essa representação não mostra o objeto de modo inteiramente fiel, evidenciando apenas alguns aspectos de sua totalidade. O signo, assim, é aquilo que representa um objeto. Por se tratar de uma representação, o signo carrega apenas uma visão parcial desse objeto. Essa representação do objeto pelo signo é feita para um sujeito-intérprete. Esse intérprete, por sua vez, cria em sua mente uma visão ou interpretação desse signo a partir da decodificação que faz dele (SANTAELLA, 1983).

Peirce estabeleceu ainda outros detalhamentos e várias divisões, as tricotomias, a partir das quais é possível obter classes de signos – entre muitas outras particularidades teóricas. Todavia, como não entraremos em detalhes em nossa análise, seguimos para tratar dos signos no meio cinematográfico – na busca por um ferramental teórico. Com base no que abordamos anteriormente, podemos inferir que os signos fazem parte dos processos comunicativos. Entendemos que as imagens são poderosos veículos de mensagens e significados e podem ser percebidas como signos. Nesse contexto, o cinema é uma arte rica em sentidos e que explora amplamente as imagens e os sons para transmitir sensações e mensagens complexas para seus interlocutores.

Na composição de uma produção cinematográfica, diversos elementos se combinam, tais como: cenografia, figurino, texto (diálogos), interpretações, luzes, cores, texturas, objetos, sons etc. A combinação desses elementos confere uma forma à obra cinematográfica (SANTOS, 2011). De acordo com Santos (2011), na construção do filme, chamamos de planos os fragmentos de imagem. Na montagem cinematográfica, esses fragmentos são unidos em uma sequência lógica que lhes dá sentido e compõem o todo do filme. Ainda segundo o autor, no cinema esse plano tem caráter de signo, visto que está no lugar do objeto, mas não o representa por inteiro, não o substitui. Ainda segundo Santos (2011), os signos/planos no cinema, embora sejam elementos capazes de carregar sentidos por si só, fornecem a base para a construção da narrativa ao serem submetidos a uma montagem, uma sequência, que, ao inter-relacionar esses planos, acaba desenvolvendo essa narrativa.

É interessante observar que, mesmo que os filmes tragam elementos prontos, há ainda uma certa incompletude que é fornecida pelo olhar do espectador. Ele dialoga constantemente com o enredo do filme e, desse modo, participa da construção da história

através da interpretação que faz dela (SANTOS, 2011). Para Santos: “é nisso que consiste o envolvimento do intérprete, pois tem que haver esse gosto de poder conjecturar ao mesmo tempo em que o filme se desenvolve” (SANTOS, 2011, p. 15).

Entre vários estudos que se valem da Semiótica para análise de obras cinematográficas, vamos utilizar aqui a abordagem de Bona (2007) frente ao filme *Central do Brasil* – por entender que a praticidade na escolha de cenas representativas permitem compreender o todo narrativo por tais fragmentos. Para cada cena selecionada, o autor identificou nos signos presentes os significantes e os seus significados – métrica que aqui utilizaremos, colocando em relação em uma apropriação da ideia de objeto/interpretante vista anteriormente.

Somaremos essas ideias com os conceitos da Semiótica narrativa de Greimas. Essa frente teórica, por sua vez, é fortemente caracterizada pela ligação com a forma. Na visão de Greimas, devia haver um grande rigor técnico na Semiótica, por medo de cair na subjetividade da análise, e, desse modo, tal rigor só poderia ser alcançado pelo estudo da forma (COSTA JÚNIOR, 2013). Para isso, Greimas faz uso do percurso gerativo de sentido, o qual se dá em três níveis: um nível profundo (fundamental)<sup>3</sup>, um nível

---

<sup>3</sup> Segundo Silveira (2014, p.14), nesse primeiro nível, a análise do texto lida com a oposição semântica mínima, que se trata do “mínimo de sentido sob o qual um texto qualquer se constrói”.

narrativo<sup>4</sup> e um nível discursivo<sup>5</sup> (CARDOSO *et al.*, 2016). Embora esses três níveis possam ser analisados separadamente, a compreensão total do texto só se dá a partir da inter-relação estabelecida entre esses patamares. Assim, o percurso gerativo de sentido é um modelo metodológico que parte do ponto mais simples e abstrato para o mais complexo e concreto. Assim, o sentido do texto se constrói e é interpretado, na Semiótica Greimasiana, por meio do seu plano de conteúdo na forma do percurso gerativo de sentido (MONTEIRO; VEDOVATO, 2008).

De acordo com Monteiro e Vedovato (2008, p. 21), cada um dos três níveis que compõem o percurso gerativo de sentido é constituído por duas categorias que consistem em uma “organização própria e complementar entre si”, chamadas de sintaxe e semântica. A sintaxe do nível narrativo, por exemplo, é marcada pelos enunciados de estado e de fazer. Os enunciados de estado referem-se à junção do sujeito e do objeto, enquanto os enunciados de fazer são responsáveis pela transformação, pelas passagens de um estado a outro dentro na narrativa.

---

<sup>4</sup> Nesse nível, uma narrativa é apresentada e pode ser entendida como uma transformação que ocorre entre dois estágios sucessivos distintos (CARDOSO *et al.*, 2016). Dentro desse nível narrativo, alguns conceitos e elementos são importantes, como os papéis actanciais: o sujeito, o objeto, o destinador, o destinatário, o adjuvante (ajudante) e o oponente. Esses elementos se inter-relacionam e auxiliam na condução da narrativa. Nesse contexto, o sujeito seria o elemento que busca um objeto e, desse modo, lança-se em uma jornada para alcançar tal objetivo. O adjuvante é aquele/aquilo que auxilia o sujeito em sua marcha e este elemento pode se apresentar na narrativa como uma pessoa, uma situação ou até algo inanimado. De modo contrário, o oponente é o elemento que confere obstáculos ao sujeito e, da mesma forma, este elemento também pode ser representado por uma pessoa, situação ou qualquer coisa tangível ou intangível. O destinador é o elemento que incita o sujeito na sua busca (um valor, um ente, um desejo etc.) e o destinatário é aquele que se beneficia da sua conquista.

<sup>5</sup> É onde o sujeito assume os elementos dos níveis fundamental e narrativo (MONTEIRO; VEDOVATO, 2008). É nesse nível que ocorre o enriquecimento da trama com o aparecimento de figuras, datas e pessoas. Esse nível, portanto, é o mais complexo, pois incorpora os diversos elementos apresentados nos dois níveis anteriores a todo um contexto que busca instaurar uma realidade para quem recebe o discurso/mensagem (SILVEIRA, 2014).

Quanto à semântica do nível narrativo, a preocupação é com os valores dos objetos, os quais podem ser classificados em modais ou de valor. Os objetos modais são representados pelo *querer*, *dever*, *saber* e o *poder fazer* e são necessários para a aquisição do objeto. Os objetos de valor são também ditos descritivos e são os que entram em junção com os objetos modais (SILVEIRA, 2014). Quanto à sintaxe discursiva, cabe, por exemplo, orientar a dinâmica das conexões e relações entre enunciadores e enunciatários. Esse processo ocorre em categorias como as de tempo, espaço e pessoa. Quanto à semântica, o nível discursivo é representado pelos percursos temáticos e elementos figurativos que buscam representar os valores assumidos pelo sujeito da narrativa (MONTEIRO; VEDOVATO, 2008).

### 3. Procedimentos metodológicos

#### 3.1 *O livro de Eli*

*O livro de Eli* (2010) é um filme norte-americano do gênero ação e ficção científica lançado em 2010 e que conta com a atuação nos papéis principais de Denzel Washington (Eli), Gary Oldman (Carnegie) e Mila Kunis (Solara). O filme se passa em um futuro pós-apocalíptico, no qual uma guerra nuclear devastou a Terra, abrindo uma espécie de “buraco no céu”, fazendo com que os raios solares dizimassem o planeta, restando poucos sobreviventes (muitos deles cegos) e escassos recursos naturais. O protagonista, Eli, é um homem que tem como objetivo levar um livro ao Oeste, já estando nessa jornada há 30 anos. Ele é um andarilho solitário que percorre a América do Norte e passa por várias dificuldades. As únicas companhias na jornada são um aparelho de música que o mantém lúcido em momentos difíceis e um livro; a Bíblia. Todos os dias, antes de dormir, Eli lia o livro, mantendo a fé e perpetuando ensinamentos que não eram conhecidos no “novo mundo”.

Carnegie é o vilão da história. Seu caráter autoritário pode ser observado já na primeira aparição na trama, em uma cena em que está lendo um livro de Benito Mussolini, enquanto descarta obras que se aproximam de um conteúdo mais humano e com temáticas sociais. O vilão tem como objetivo principal expandir sua liderança e controlar a população através de seu conhecimento – que vem através da leitura e de sua vivência no mundo antigo (pré-apocalipse). A importância da leitura e do conhecimento no mundo pós-apocalíptico se evidencia no fato de poucos terem a habilidade da leitura e, aqueles que a possuem, como Carnegie, não fazerem questão de ensinar aos outros – com o objetivo de manter a população ignorante e submissa a seus favores. Entre todos os livros que já leu, a Bíblia falta a Carnegie para atingir seu objetivo malicioso. Para ele, tal livro seria uma arma poderosa contra os ignorantes do novo mundo.

Após um confronto, o vilão descobre que o protagonista possui tal livro, iniciando o conflito. Assim, a jornada de Eli é marcada por dificuldades, envolvendo conflitos diretos com o bando de Carnegie. Em determinado momento, acompanhado de Solara, Eli se vê encurralado por capangas e trava um combate intenso com o vilão, o qual sai vitorioso, dando um tiro no protagonista e capturando a Bíblia. Solara consegue escapar com o ferido Eli e, assim, seguem para o Oeste, mesmo sem o objeto que era o motivo da viagem. Carnegie, enfim, tem a posse do livro, que possivelmente é o último exemplar existente no planeta. No entanto, há uma reviravolta na história; quando o vilão finalmente abre o livro, se depara com o fato dele ser escrito em braile, o que o impossibilita de ler. Claudia, mulher de Carnegie, no entanto sabe ler (n)esse sistema de escrita. Todavia, a mulher se recusa a traduzir o livro, pois se revolta contra os maus tratos causados a ela e à filha (Solara).

A essa altura, a dupla chega ao Oeste e encontra uma comunidade que busca por um recomeço, resgatando objetos, valores e a cultura que foram perdidos com o apocalipse.

Assim, nesse momento, Eli finalmente consegue cumprir seu objetivo e o livro (não físico, mas sim gravado na mente de Eli que o leu durante anos) é “entregue” à comunidade que irá não só preservá-lo, mas disseminar seu conteúdo para o restante da população.

Observa-se, no final, uma reflexão ao ver o desfecho da história do protagonista e do antagonista que diz respeito ao uso da sabedoria para diferentes finalidades, na qual ambos os personagens apresentam conhecimento para mudar o destino da humanidade, quando um resolve ajudar a população e outro se corrompe pelo poder. O filme tem um final positivo, que gera esperanças ao espectador, que pode enxergar o protagonista como exemplo a ser seguido nos dias atuais, de alguém que luta pelo que acredita e busca impactar positivamente a vida das pessoas, como ele diz: “Eu lutei o bom combate. Eu terminei a corrida. Eu guardei a fé” – estabelecendo intertextualidade com frase do apóstolo Paulo.

### **3.2 Como analisar o filme?**

Em primeiro lugar, apresentaremos o conjunto de papéis actanciais do filme, de modo a explicá-lo à luz dessa abordagem teórica. Em seguida, selecionaremos algumas passagens da obra, estabelecendo recortes verbais e visuais que sejam relevantes no sentido de nos revelar missivas do filme. Para tanto: 1) Na dinâmica Peirceana, iremos utilizar, principalmente, o esquema metodológico de Bona (2007) como referencial; 2) Em seguida, conseguiremos definir: a oposição semântica de base do filme; quais são os enunciados de estado e fazer do filme; os valores dos objetos da obra; e as nuances do nível discursivo.

Assim, ao final, tentaremos chegar a uma noção geral da reflexão que o filme visa pregar, contrastando-a, evidentemente, com as múltiplas possibilidades que ele oferece à

interpretação dos espectadores. Além disso, visamos verificar se a hipótese de que a leitura (de livros), mais especificamente a leitura ponderada da Bíblia, sem fanatismos, é capaz gerar uma sociedade de paz, compactua com a mensagem do filme.

### **3.3 As cenas**

Foram selecionadas duas representativas cenas do filme:

- Cena 1 - Eli cita o Salmo 23: Neste trecho, Eli e Solara estão em uma pausa para descanso em sua jornada para o Oeste, quando Eli cita para ela um trecho de seu livro misterioso: o salmo 23. A escolha se deve à grande popularidade do Salmo em particular e de como o significado dele é importante e aplicável mesmo àqueles que não sejam cristãos;
- Cena 2 – Carnegie finalmente consegue ter acesso ao livro: Corresponde a uma das cenas finais do longa, em que Carnegie tem a Bíblia em mãos e a abre pela primeira vez. Quando o faz, vê que o livro está em braile e pede à esposa dele para que ela leia. Ela lê, mas finge que não entende, então vai embora e deixa Carnegie sucumbir. A escolha dessa cena se deve ao seu amplo significado sobre o poder da leitura.

## **4. A análise**

### **4.1. Papéis actanciais**

Destacamos os seguintes actantes na narrativa central do filme: Eli: sujeito; Livro (levar a mensagem dele em segurança): objeto de valor; Carnegie: oponente; Solara: adjuvante; Fé: destinador; Preservação e propagação da (mensagem da) Bíblia (à sociedade): destinatário. Na trama central, identificamos o próprio Eli como o sujeito dessa narrativa. Seu objeto de valor no filme, aquilo que o sujeito busca, é levar em segurança o livro que carrega até ao Oeste. Essa relação entre sujeito e objeto forma o “esqueleto” central dessa narrativa. É por causa dessa busca do sujeito pelo objeto que a história se desenvolve. Aquele que oferece obstáculos ao sujeito e sua busca pelo objeto é chamado de oponente.

No caso da trama central de *O livro de Eli*, podemos afirmar que o maior oponente é representado pelo papel do vilão Carnegie. Isso fica claro em diversos pontos do filme, uma vez que Carnegie é o actante que deseja roubar o livro precioso que Eli carrega consigo. Todavia, a ganância pelo poder e a maldade são representadas/encarnadas em Carnegie como as reais oponentes.

Na sua busca pelo objeto, Eli tem também uma auxiliar: Solara. O papel dela nessa narrativa é, portanto, o de adjuvante, pois, a todo o momento, ela se coloca ao lado de Eli na busca por levar em segurança o livro até ao Oeste. Nesse mesmo contexto, o que também instiga e fortalece Eli em sua busca é a fé. Em diversos momentos do filme, Eli mostra o quanto a mensagem do livro é importante para ele e afirma que é conduzido por uma “voz” que o guia em sua jornada. Eli acredita tanto na importância de sua missão que, em diversos momentos do longa, parece até mesmo ser dotado de “superpoderes”, lutando, literalmente, contra diversos obstáculos de maneira surpreendente. Essa fé pode ser entendida como o destinador dessa narrativa, ou seja, é o elemento que instiga o sujeito na busca (ainda que seja, também, adjuvante). O objetivo final de Eli, a consequência do sucesso de sua busca, é a preservação da Bíblia, levando-a a um lugar no qual ela seja protegida de más intenções e devidamente divulgada para a população sobrevivente que busca reconstruir a história da humanidade. Esse, portanto, é o destinatário dessa narrativa, ou seja, representa a consequência da busca do sujeito pelo objeto – em prol da sociedade, do bem comum.

#### **4.2. Análise das cenas à luz da Semiótica de Peirce**

Ao assistir *O livro de Eli*, vê-se que a mensagem central do filme é a busca pelo poder, o qual aparece de diferentes formas, tais como: o poder da fé de Eli, que o move em sua busca incessante; o poder daqueles que sabem ler, em um mundo no qual predomina a ignorância; e o poder de enxergar, em um mundo no qual muitos perderam a visão

(também vista de forma metafórica). No contexto do filme, os personagens vivem em uma realidade na qual não existem mais livros. As publicações, até o que se sabe, foram destruídas após o apocalipse. Portanto, com exceção das pessoas mais velhas que se lembram do “mundo de antes”, grande parte da população sequer sabe o que é um livro, muito menos o que é ler. Nesse contexto, não é de se surpreender que aquele que possui um livro tenha um grande poder em mãos; o que pode ser usado para o bem ou para o mal da humanidade.

Essa dualidade é evidenciada no filme através dos personagens opostos: Eli e Carnegie. Enquanto Eli pretende usar o poder de “possuir” a Bíblia para divulgar e levar a palavra de Deus para a população, lembrando o mundo dos ensinamentos do Cristo e trazendo uma mensagem de fé e de esperança para o que restou após o apocalipse (atuando quase como apóstolo), Carnegie quer usar esse poder para manipular as massas e, assim, conseguir tudo aquilo que deseja. A partir dessas considerações, pode-se dizer que o principal signo do filme é a Bíblia. Tomando por base a metodologia aplicada por Bona (2007), podemos construir o seguinte quadro:

Quadro 1 – Signo central do filme *O livro de Eli*

Signo	Interpretação
- Livro (Bíblia)	- Poder de influência; - Conhecimento; - Esperança; - Fé.

Fonte: elaborado pelos autores

#### 4.2.1 Cena 1: Eli cita o Salmo 23 para Solara

Nessa cena, Eli e Solara estão em uma pausa na jornada rumo ao Oeste e encontram um abrigo para repousarem durante a noite. Solara questiona Eli sobre o livro que ele carrega e pede para que leia para ela um fragmento. O trecho em questão é referente ao Salmo 23, um dos mais conhecidos da Bíblia. Este Salmo é atribuído originalmente ao Rei Davi, que o teria escrito em uma situação em que estava em um oásis, durante a noite, cercado por tropas inimigas. Com base nessa informação, podemos inferir que o próprio Salmo

citado por Eli é uma analogia, uma vez que Eli e Solara, nessa cena, encontravam-se em situação semelhante: abrigados enquanto se escondiam de inimigos. A mensagem que o Salmo traz é de fé, de confiança na proteção divina, como fica evidente no trecho: “*E ainda que eu ande pelo vale das sombras da morte, não temerei mal algum, pois Tu estás comigo*”. Portanto, mais uma vez, vemos aqui o signo do livro sagrado como símbolo de fé e de esperança – não apenas para aquela situação, mas tendo ela como alegoria de situações difíceis da vida do próprio espectador.

A mensagem do Salmo também faz referência à própria jornada de Eli, como podemos ver no trecho: “*Guia-me pelas veredas da justiça, por amor ao seu nome*”. Durante todo o tempo, vemos que o personagem faz sua jornada por amor, movido por uma fé inabalável. Essa caminhada seria também uma “vereda da justiça”, uma vez que Eli busca dar ao livro um fim justo e benéfico. Um outro signo muito presente em todo o filme e que também aparece na cena em questão é o sol. De acordo com o diálogo dos personagens, podemos entender que o mundo antigo acabou devido a um “buraco que se abriu no céu” como consequência de uma guerra. Esse buraco teria feito com que os raios solares afetassem o planeta, incendiando tudo e provocando um grande brilho que cegou muitas pessoas e deixou o mundo como um verdadeiro deserto. Portanto, nesse contexto, temos o sol como agente transformador. O signo sol aparece também em diversos outros contextos do filme, trazendo outras interpretações.

Ainda interpretando o sol como símbolo de luz, pode-se inferir que a cegueira dos personagens, por outro lado, seria a sua oposição, ou seja, a ausência da luz, que também pode ser a ausência do conhecimento (ignorância) identificada em muitos personagens do filme. Na cena analisada, vemos a luz na forma da fogueira que se mantém entre os personagens. Nesse contexto, podemos interpretar a fogueira como ícone de luz (enquanto ausência de escuridão) e índice da luz (da iluminação no sentido que colocamos

aqui - proteção e conhecimento), visto que, no momento em questão, Eli revelava para Solara um pouco do conteúdo do livro, ao mesmo tempo que os personagens se protegiam dos inimigos.

Quadro 2 – Signos na cena 1

Signo	Interpretação
- Salmo 23	- Jornada de Eli; - Mensagem de fé; - Caminho de justiça; - Proteção divina.
- Fogo (Luz)	- Agente de transformação; - Sabedoria; - Conhecimento; - Proteção / acolhimento.
- Solara	- Adjetivo de sol; - Aquela que traz luz.
- Bíblia	- Conhecimento; - Poder; - Fé; - Esperança.

Fonte: elaborado pelos autores

#### 4.2.2 Cena 2: Carnegie abre o livro

A segunda cena escolhida para análise ocorre no final do filme. Nela, Carnegie, personagem que finalmente possui o livro (Bíblia) em mãos, o abre pela primeira vez, porém é surpreendido ao perceber que está escrito em braile e que, portanto, ele não conseguiria lê-lo. Paralelamente, no Oeste, Eli começa a ditar o livro (o qual ele decorou minuciosamente) para um escritor que o transfere para um papel. É também nessa cena que descobrimos que Eli é cego e que memorizou toda a Bíblia no período que a teve em mãos, portanto guardando a salvo as palavras em sua mente, como fizeram alguns apóstolos.

De volta a Carnegie, na tentativa desesperada de ler o livro, o vilão pede a Cláudia que leia para ele, uma vez que ela sabia ler em braile. No entanto, ela, que sempre foi subjugada por Carnegie, se vê pela primeira vez com um poder em mãos e decide não ler a obra, decretando a derrota do antagonista. Essa cena traz fortemente o signo do conhecimento como fonte de poder; o conhecimento, ali, era o saber ler (ainda que em braile), uma vez que só aqueles que o sabem e que têm acesso ao livro (Bíblia) podem lê-lo. Trata-se de uma reviravolta, na qual Carnegie percebe que não bastava possuir o objeto

se ele não soubesse como decifrá-lo. Em contraponto, Eli mostra que não precisava mais ter o livro físico.

É interessante observar também que, nesse ponto, há uma outra reviravolta na história, na qual o espectador percebe que apenas aqueles que não enxergam (ausência de um tipo de luz), têm acesso ao conhecimento do livro (podem enxergá-lo). Essa relação de luz/visão, conhecimento/escuridão, cegueira/ignorância, está bastante presente nessa cena do filme e, em particular, como espinha dorsal do filme (ou de sua mensagem principal). A luz como símbolo de conhecimento, sabedoria e recomeço é mostrada também através do trecho de “Gênesis” que Eli começa a ditar para o escritor, em que diz: “*E havia trevas sobre a face do abismo. [...] E Deus disse: Haja Luz. E houve luz*”. Ao dizer essas palavras, a câmera foca nos olhos de Eli, mostrando que ele não enxergava, mas que, ainda assim, carregava consigo a verdadeira luz, que era o conhecimento, o conhecimento da palavra de Deus. Essa passagem faz referência também ao recomeço pelo qual o mundo passava naquele momento. A chegada da palavra de Deus através da Bíblia traria também luz para um mundo que, até então, se encontrava em trevas, assim como no início da criação, descrito em “Gênesis”.

Quadro 3 – Signos na cena 2

Signo	Interpretação
- Livro.	- Conhecimento; - Poder.
- Luz.	- Conhecimento; - Esperança; - Divino.
- Conhecimento.	- Poder.
- Trecho de “Gênesis”.	- Recomeço; - Esperança; - Intervenção divina.

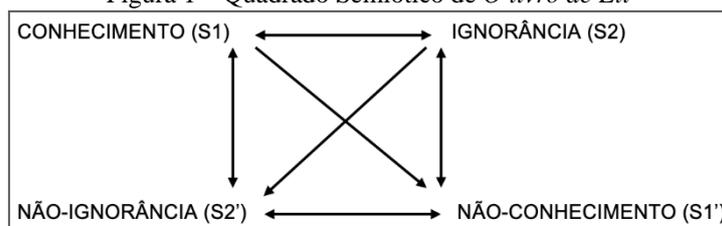
Fonte: elaborado pelos autores.

#### 4.3. A oposição semântica de base de *O livro de Eli*

No contexto do filme, pode-se dizer que a principal oposição mínima que encontramos e que oferece a base da narrativa é: conhecimento x ignorância. Podemos dizer ainda que, no enredo, o conhecimento é sinônimo de poder. Como cenário central do longa, vemos um mundo pós-apocalíptico no qual predomina a ignorância, uma vez que toda a

tecnologia, acervo cultural, livros e recursos materiais e naturais foram basicamente destruídos. É importante lembrar, também, que o conhecimento aparece na trama de outras formas, como o conhecimento moral, por exemplo. Eli é o personagem que possui tal sabedoria, enquanto Carnegie, mesmo sabendo ler, age de forma torpe, buscando apenas mais poder, sem se importar com aqueles que cruzam seu caminho. Essa ignorância também pode ser observada nos diversos personagens secundários da trama, que vivem atacando outras pessoas nas estradas para roubar e até mesmo para se alimentar de carne humana. Assim, podemos construir o seguinte quadrado semiótico para a oposição semântica de base encontrada na narrativa de *O livro de Eli*:

Figura 1 – Quadrado Semiótico de *O livro de Eli*



Fonte: elaborado pelos autores

Esses elementos de oposição podem ser classificados como eufóricos ou disfóricos, dependendo do valor a eles atribuído. Assim, no caso de *O livro de Eli*, o conhecimento, de modo geral, aparece como elemento eufórico, pois apresenta valor positivo, representando: poder, sabedoria, instrução. Por outro lado, a ignorância é o elemento disfórico, pois, na maior parte do tempo, está associada à incapacidade e subjugação.

#### 4.4 Enunciados de estado e fazer do filme

Podemos perceber a transformação do personagem principal e também os acontecimentos que levaram a essa mudança do sujeito na sua jornada em busca do objeto. Eli nos é apresentado como um homem muito solitário, sisudo, por vezes frio, que parece ter focado os últimos 30 anos apenas em manter-se vivo e cumprir a missão de levar o livro sagrado até o Oeste. A personalidade dele é compreensível; logo no começo da história,

vemos que a Terra já não é mais a mesma, tendo se tornado um lugar extremamente hostil após a guerra e o grande *flash* que acabaram com o “mundo de antes”. Nesse contexto, entre a escassez de água e comida, e a luta contra canibais e saqueadores, a luta pela sobrevivência é algo que se faz presente a cada instante.

Em meio a tanta violência, Eli procura, a todo o momento, focar no seu objetivo de proteger e levar o livro até o destino, lutando até mesmo contra seus instintos de ajudar aqueles que aparecem no seu caminho. A grande virada de Eli na trama ocorre depois que ele conhece Solara. No início, ele é resistente a essa aproximação e deixa claro que não quer companhia, chegando até mesmo a trancar Solara em um poço no qual eles conseguiam água. No entanto, uma reviravolta ocorre e Solara se vê em uma situação de perigo. Nesse momento, Eli cruza novamente seu caminho, salvando-a. Esse segundo encontro os aproxima novamente e Eli acaba permitindo que ela o acompanhe em sua viagem.

Ao seguirem juntos rumo ao Oeste, Eli e Solara aos poucos criam um vínculo de amizade e parceria. Em alguns momentos, Eli ainda se mostra reticente, não dando muita abertura para a aproximação/curiosidade de Solara. Essa esquivia pode ser observada, por exemplo, na cena em que ele cita para ela o Salmo 23. Durante essa cena, Solara faz várias perguntas a Eli, que já se mostra mais receptivo do que no primeiro encontro dos dois, mas ainda resiste em responder a algumas dúvidas.

Já no final da trama, a mudança de Eli torna-se mais pronunciada, principalmente na cena em que Carnegie ameaça matar Solara caso o protagonista não lhe entregasse o livro. Nesse momento, Eli cede à chantagem e opta por salvar a amiga e entregar o livro ao vilão. Mais tarde, Solara questiona a atitude de Eli, dizendo-se surpresa por ele ter escolhido salvá-la em detrimento do livro. A resposta é o que evidencia sua

transformação: “Todos esses anos eu o levava e o lia [o livro], diariamente. Na minha obsessão para mantê-lo a salvo, deixei de viver segundo o que aprendi nele.” Essa frase reforça o que dissemos no início deste tópico – e não deixa de ser uma importante mensagem sobre a leitura ponderada da Bíblia.

#### **4.5 Valores dos objetos da obra**

Fica claro, desde o início do filme – e até mesmo no próprio título –, que o grande objeto de valor da trama é o livro que Eli carrega consigo. Tal livro – como o próprio Eli diz em uma cena – é um exemplar único. Mas não é apenas por isso que ele é importante. O livro em questão trata-se da Bíblia que, segundo nos conta a trama, foi uma das causas da guerra que levou à destruição do “mundo de antes” e culminou no cenário que vemos no filme.

O poder de influência dos ensinamentos bíblicos é inquestionável. No filme *O livro de Eli*, tal poder é reconhecido tanto por Eli, quanto por Carnegie. A diferença está na intenção de cada um dos personagens. A visão de Eli sobre o livro era quase a de um apóstolo que tem como missão levar a palavra de Deus às pessoas. Essa missão de Eli, o que movimenta a narrativa, é o objeto modal da trama. A principal diferença de Eli para os apóstolos é que Eli deveria levar essa palavra de modo literal, através do livro que carregava e que devia manter em segurança até chegar a seu destino final. Desse modo, difundir a mensagem bíblica, para Eli, era sua missão de vida, seu maior propósito. Na visão de Eli, o livro era a manifestação física de sua fé e foi ele que o manteve vivo durante todos os anos de sua jornada rumo ao Oeste. Essa ideia de propósito de vida fica mais clara no final do filme, quando vemos que Eli morre pouco depois de completar sua missão. Esse fato mostra ao espectador que guardar e depois transmitir de modo apropriado os textos bíblicos era, de fato, o que o mantinha vivo.

#### **4.6 Nível discursivo do longa**

Em *O livro de Eli*, o nível discursivo nos mostra como pano de fundo para a narrativa um cenário desértico; um mundo pós-apocalíptico cercado de escassez, violência e barbárie. Nesse contexto de guerra e extremo sofrimento, Eli lança-se em jornada para cumprir a missão divina que recebeu: levar o último exemplar da Bíblia para um local seguro. A mensagem central, portanto, é a de que Eli é uma espécie de guardião/apóstolo. O livro que ele carrega representa, dentro desse contexto, uma luz. Luz no sentido de esperança, de sabedoria e de conhecimento. Os ensinamentos bíblicos teriam, em meio a esse cenário, tão primitivo e violento, o poder de ensinar novamente a humanidade os valores contidos nas escrituras sagradas. É claro que, em paralelo, a trama aborda também o outro lado da moeda, o da manipulação através da fé e do conhecimento.

Esse lado é mostrado através do personagem Carnegie, o qual acredita que ter a posse da Bíblia lhe traria poder sobre as demais pessoas e o ajudaria a conquistar ainda mais territórios. É nesse ponto que a trama trata da questão do conhecimento como fonte de poder. Uma vez que a população é, em sua maioria, completamente ignorante, aquele que detém a informação se torna privilegiado e tem consigo uma arma de dominação. A narrativa se constrói, então, no embate desses dois lados. A Bíblia poderia ser instrumento de esperança, fé, conhecimento e sabedoria, como acreditava Eli; ou poderia também ser uma valiosa arma de manipulação das massas. No final da história, o bem vence.

#### **4.7 Observações gerais sobre o filme a partir das análises e intertextos**

Em *O livro de Eli*, podemos ver a trajetória do protagonista como uma grande analogia à história do apóstolo Paulo de Tarso. Segundo consta na Bíblia, Paulo (que se chamava Saulo) estava na estrada a caminho de Damasco quando teve uma visão do próprio Cristo. A luz que envolvia a imagem era tão forte que o deixou cego por três dias. Nesse encontro, Jesus teria apresentado o Evangelho a Paulo e lhe entregado a missão de levar sua

mensagem ao povo. Existem, assim, muitas referências à história de Paulo encontradas em *O livro de Eli*. A grande luz que veio do céu, ou o “*flash*” como os personagens falam, transformou o mundo e deixou muitas pessoas cegas.

A história do filme nos leva a entender que Eli ficou cego após o grande *flash*. A cegueira de Eli, assim como a de Paulo, tem um caráter quase poético, pois lhes permitiu enxergar. A cegueira de Paulo, na ocasião de seu encontro com o Cristo, possibilitou uma verdadeira reflexão íntima, um verdadeiro “olhar para dentro”. Essa experiência transformou Paulo, que até então era um perseguidor de cristãos, em um apóstolo de Jesus. No caso de Eli, não é revelado ao espectador sobre o passado do personagem, mas fica implícito que a cegueira dele trouxe outras habilidades – fundamentais para a jornada. Foi o fato de ser cego que permitiu que Eli “enxergasse” as palavras contidas no livro em braille e as memorizasse com tanta maestria. Aqui podemos também estender o sentido da palavra enxergar. Talvez, se não fosse cego, Eli não levaria a missão tão a sério; talvez não conseguisse ouvir com tanta clareza o seu chamado e ter valorizado tanto a sua fé. Portanto, fica implícito na narrativa que a cegueira de Eli era, de certa forma, uma aliada em sua missão.

Outra semelhança com a história bíblica de Paulo está no chamado divino que Eli recebeu. O personagem conta, em uma conversa com Solara, que, certo dia, ouviu uma voz muito clara que o levou ao lugar no qual estava seu livro. Essa voz, segundo Eli nos conta, incumbiu-lhe a missão de levar o livro para um lugar seguro, onde ele fosse necessário. Mesmo não sabendo do passado do personagem, fica claro ao espectador que esse episódio marcou Eli de uma maneira muito profunda e o transformou, levando-o a se lançar em uma jornada incansável para cumprir a missão que lhe foi concedida.

Além do paralelo com a história de Paulo, a narrativa de *O livro de Eli* nos instiga sobre o poder do conhecimento, o poder dos livros e o poder da mensagem religiosa. Essa relação é bastante clara no contexto do filme. Carnegie, que viveu no mundo antes do apocalipse, conseguia ver o poder de transformação que a Bíblia tinha sobre as pessoas, assim como conseguia perceber que manter a população na ignorância lhe conferiria mais poder.

Carnegie sabia do poder de influência contido nas palavras bíblicas e de como esse já tinha sido usado contra as pessoas anteriormente. Ele estava ciente de que a maior parte da população desse novo mundo era completamente ignorante. Além disso, muitos eram cegos e não podiam ler, mesmo que soubessem. Nesse sentido, ter conhecimento – ainda mais se esse conhecimento fosse “divino” – seria o mesmo que possuir um poder infundável sobre as pessoas a sua volta. Caso conseguisse seu objetivo, Carnegie seria uma espécie de detentor da palavra de Deus na Terra e conseguiria, assim, respeito e obediência por parte das pessoas, conquistando cada vez mais territórios.

Esse assunto nos leva à pergunta que fizemos no início deste trabalho: será que a leitura (de livros), mais especificamente a leitura ponderada da Bíblia, sem fanatismos, seria capaz de gerar uma sociedade de paz? Partindo do pressuposto daquilo que o filme nos mostra, podemos ao menos afirmar que a não leitura, ou seja, a ausência do conhecimento – deixando-se mediar por quem tem intenções ruins –, pode levar ao caos. É claro que, no caso mostrado no filme em particular, a sociedade não apenas tinha perdido o contato com os livros, mas com qualquer outra fonte de conhecimento ou cultura. Esse distanciamento deixou as pessoas não apenas ignorantes do saber, mas também de valores morais. Nesse contexto, os valores morais contidos nos ensinamentos atemporais trazidos nos textos bíblicos poderiam dar um direcionamento às pessoas; se bem aplicados. Se

tomarmos como exemplo os mandamentos de Moisés, vemos que eles surgem em uma época da humanidade na qual havia grande carência de ordem ou de um princípio moral.

O mundo civilizado é baseado em regras, em normas morais que devem ser respeitadas. A desobediência a normas de conduta moral quase sempre implica penalidades – que ainda são vistas como a melhor ferramenta de imposição de ordem em uma sociedade. Nesse contexto, podemos dizer que as mensagens religiosas, principalmente aquelas contidas na Bíblia, ainda trazem valores morais importantes, necessários para manter uma harmonia mínima entre os povos. É importante que se diga, porém, que essa mensagem pode vir independentemente de religiosidade ou fé; mas, no contexto do filme e da mensagem a ser apresentada ao público, a Bíblia é o principal instrumento de organização social.

Em uma cena no final do filme, Eli diz para Solara que o grande aprendizado que retirou de seu precioso livro foi: “fazer mais pelos outros do que por si mesmo”. Não é preciso ser cristão, judeu ou mulçumano para perceber que essa é uma mensagem que fala de altruísmo. Ser altruísta é um valor benéfico a qualquer pessoa ou sociedade, independente do sentido religioso que veicule essa lição. Portanto, podemos inferir que os textos bíblicos contêm valores e mensagens morais muito importantes para a construção de uma sociedade melhor e mais harmônica. No entanto, é preciso saber extrair verdadeiramente o significado por trás de suas lições, sem fanatismos, para que, de fato, os ensinamentos possam ser praticados.

## **5. Considerações finais**

Iniciamos este trabalho falando sobre a importância dos livros e da leitura para a sociedade e assim também o concluímos. Vimos, na construção do presente trabalho, que os livros, como instrumentos de conhecimento e de informação, têm o poder de

transformar e moldar ideias, pensamentos e até mesmo comportamentos, seja de um indivíduo ou de uma sociedade como um todo. No entanto, para extrair tais conhecimentos, é preciso entender as mensagens (diretas ou não) que os textos nos trazem.

Para compreender as mensagens transmitidas nos diferentes veículos de informação, interpretá-las e entender como elas se constroem na mente de seus intérpretes, temos os métodos e conceitos desenvolvidos e trabalhados na Semiótica. Nesse contexto, buscamos ao longo deste trabalho abordar algumas frentes das teorias semióticas de Peirce e de Greimas para analisar a narrativa e os signos presentes no filme *O livro de Eli*. A escolha desse filme se mostrou bastante interessante ao longo da análise, não apenas pela riqueza de sentidos e interpretações que a obra nos oferece, mas também pelo fato de que um dos debates centrais abordados é justamente a leitura da Bíblia e a importância do conhecimento como fonte de poder.

Enfatizamos que, como toda grande obra cinematográfica é rica em significados e aberta a diferentes olhares e leituras, este estudo não teve, e não tem, a intenção de esgotar todas as interpretações possíveis dentro do filme analisado, visto que as possibilidades são ilimitadas<sup>6</sup>. Aplicando os conceitos da(s) Semiótica(s), compreende-se que cada leitor/intérprete é capaz de construir sua própria visão da narrativa e que os signos ali presentes se manifestam de diferentes modos junto aos diferentes interlocutores, o que torna todo esse processo de decifração ainda mais fascinante. Esperamos, todavia, que os espectadores tenham entendido a mensagem (proposta) central do filme, no que concerne à importância da leitura e da compreensão ponderada da verdadeira mensagem bíblica<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> Além disso, dadas as limitações de um artigo científico, não pudemos colocar aqui todas as demais interpretações presentes no trabalho de conclusão de curso do qual este estudo é fruto.

<sup>7</sup> Agradecemos as contribuições das professoras doutoras Lilian A. Arão (Cefet-MG) e Patrícia Resende, docentes que participaram da banca do trabalho de conclusão de curso de Cíntia Silva.

## Referências

- BENATTE, A.P. História da leitura e história da recepção da Bíblia. In: **Revista Oráculo**, v. 5, n. 3, 2007.
- BONA, R.J. A semiótica do cinema: o signo paterno no filme Central do Brasil. In: **Anais do VIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**. 1 (8), 2007.
- CARDOSO, M.A.F.; HANASHIRO, D.M.M.; BARROS, D.L.P. Um caminho metodológico pela análise semiótica de discurso para pesquisas em identidade organizacional. In: **Cad. EBAPE.BR**, v. 14, n. 2, 2016.
- COSTA-JÚNIOR, D.F. Lógica em Linguística: o quadrado semiótico e os estados intencionais da pragmática. In: **Cadernos de Letras da UFF Dossiê: O lugar da teoria nos estudos linguísticos e literários**, n. 46, 2013.
- KRUG, F.S. A importância da leitura na formação do leitor. In: **Revista de Educação do IDEAU**, v. 10, n. 22, 2015.
- LIMA, A.O. **A Bíblia como literatura no Brasil: História e Análise de Novas Práticas de Literatura Bíblica**. Tese (Doutorado em Letras) – Mackenzie, São Paulo, 2015.
- MENDES, C.M. **A Noção de Narrativa em Greimas**. In: **E-com UniBH**. v. 6, n. 1. 2013.
- MONTEIRO, A.C.; VEDOVATO, L. Percurso gerativo de sentido nas aulas de leitura. In: **Revista Trama**, v. 4, n. 7, p. 21-32, 2008.
- O LIVRO DE ELI**. Direção de Albert Hughes, Allen Hughes. Columbia Pictures e Warner Bros, 2010.
- OLIVEIRA, C.M.S. A educação na Idade Média e a influência da Igreja no pensamento ocidental. In: **Maiêutica**. v. 2, n. 1. 2014.
- SANTAELLA, L. **O que é Semiótica**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.
- SANTOS, M.M. Cinema e Fenomenologia: por uma reflexão sobre os fenômenos da modernidade como pivô para a origem da linguagem cinematográfica. In: **BOCC: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, 2008.
- SANTOS, M.M. Cinema e semiótica: a construção sógnica do discurso cinematográfico. In: **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, v. 13, n. 1, janeiro/abril 2011.

SILVA, C.; SILVA, K.G.; BRAIGHI, A.A. As Aventuras de Pi sob o olhar da Semiótica. In: **Anais do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. 2018.

SILVA, G.P. A importância da leitura para a formação social. In: **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 1, abr. 2017.

SILVEIRA, L.N. **O percurso gerativo de sentido em Asilo Arkham**: Uma Análise Semiótica Da Obra. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - UTFPR. Curitiba, 2014.